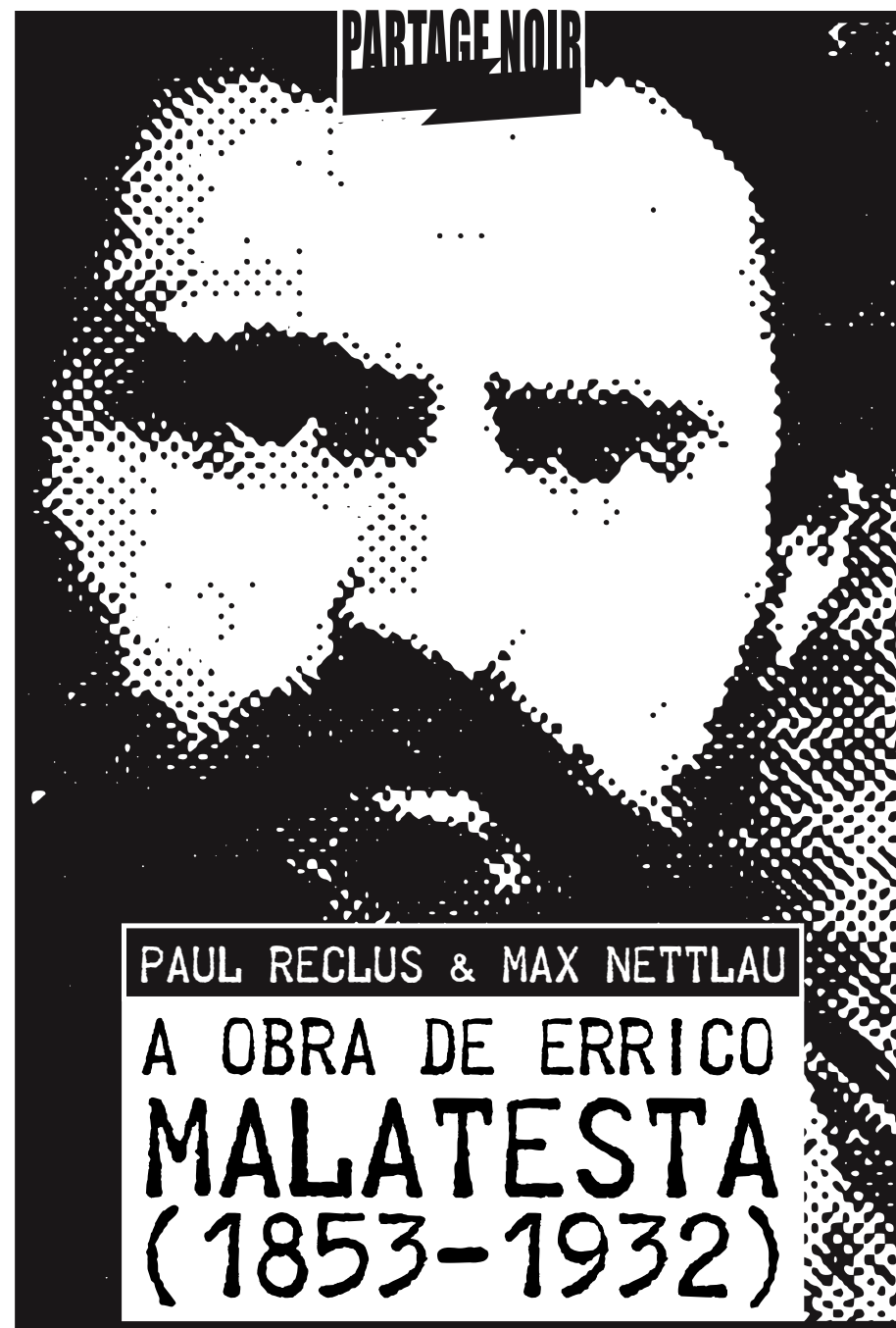


A OBRA DE ERRICO MALATESTA (1853-1932)

Quando Errico Malatesta morreu em 22 de julho de 1932, Paul Reclus e Max Nettlau prestaram homenagem a ele na revista anarquista *Plus Loin* (edições 90 e 91).

São esses textos que estamos apresentando a você hoje nesta brochura.

Centro de Cultura Libertária da Amazônia - 2023



<https://www.partage.noir.fr>
contact@partage-noir.fr
2021/28-05-2021

<https://cclamazonia.noblogs.org>
cclamazonia@gmail.com

18-09-2023



Errico Malatesta na Internet

Textos de Errico Malatesta

BIBLIOTECA ANARQUISTA

Anarquia - Errico Malatesta - 53 pp.

Anarquia e Organização - Errico Malatesta - 6 pp.

Anarquistas Eleitorais - Errico Malatesta - 7 pp.

Os anarquistas e o sentimento moral - Errico Malatesta - 5 pp.

No café - Errico Malatesta - 98 pp.

Luto ou Festa - Errico Malatesta - 2 pp.

Entre camponeses - Errico Malatesta - 46 pp.

<<https://pt.theanarchistlibrary.org/category/author/malatesta-errico>>

Sobre Errico Malatesta (em francês)

ANARLIVRES.ORG

"Malatesta", resenha "Itinéraire – Une vie, une pensée" n° 5/6.

<http://anarlivres.free.fr/pages/documents/Itineraire_Malatesta2.pdf>

Vídeo sobre Errico Malatesta (em francês)

Errico Malatesta – Vers une nouvelle Humanité (vostfr)

(duração: 1 h 29 min 48 s)

<<https://youtu.be/uATi3hIe7zo>>



Errico Malatesta

Paul Reclus

Malatesta morreu em 22 de julho [de 1932]. Que vida ele teve desde o estabelecimento do fascismo! Não eram tanto as condições materiais impostas a ele pela vigilância policial, mas, acima de tudo, as restrições morais devido à necessidade de isolamento absoluto. Talvez o Duce, que o conhecia bem, mantivesse uma espécie de respeito pelo velho, mas também procurou usá-lo como isca para livrar o país de seus elementos nocivos. Não eram permitidos amigos; nenhuma visita, nenhum sinal de reconhecimento na rua, nenhuma carta escrita ou recebida que não indicasse uma vítima para os capangas do governo.

Ele podia se corresponder com amigos no exterior, enviando-lhes artigos, mas as respostas tinham de ser singularmente insignificantes para que fossem entregues a ele. Finalmente, o governo está aliviado, o cadáver de seu inimigo cheira bem!



Malatesta foi o tipo de homem que subordina toda a sua existência à ideia. Nascido na burguesia, estudante da Universidade de Nápoles, ele abandonou tudo quando chegou o momento de escolher seu caminho. Nenhum vínculo familiar que eu conheça, nenhuma aspiração ao bem-estar burguês, nenhuma necessidade material. Ele doou as pequenas propriedades que havia herdado para os camponeses, seus vizinhos. Ele sempre ganhou a vida como operário, estivador, mecânico e, acima de tudo, eletricitista; em todos os lugares ele se tornou útil. Malatesta era o auto-sacrifício feito homem. Do ponto de vista da elaboração das ideias que se cristalizaram no "comunismo anarquista", Malatesta representou a faceta "revolucionária". Independentemente de uma evolução que estava ocorrendo ao mesmo tempo (1875) na Suíça, em torno de Dumartheray, Malatesta e seus amigos próximos decidiram abandonar o termo "coletivista" e usar o termo "comunista", sendo o termo "anarquista" a lacuna que separava esses precursores das concepções de um Cabet (e do bolchevismo atual). Mas a mentalidade dos anarquistas italianos desse período era considerar a necessidade de insurreições em si mesmas, como um trabalho de educação das massas: o comunismo, a propaganda pelo fato, a abolição do Estado, eram as três tendências da época, e Malatesta não era um homem que se satisfazia com palavras.

Ele já tinha em seu crédito a revolta de Caste del Monte, perto de Taranto, onde, com cinco companheiros, tentou em vão liderar os camponeses (de 11 a 14 de agosto de 1874). O mais conhecido desses movimentos foi a insurreição de Benevento (de 6 a 10 de abril de 1877). Os revolucionários, em número de 40 a 50 - 27, na verdade, no momento crítico - percorreram os vilarejos com algum sucesso na simpatia, mas havia um traidor e eles tiveram que se dispersar. *"As ideias fluem das ações, não os feitos das ideias"*, disse o insurgente Pisacane em 1857, que morreu na região onde Garibaldi triunfou três anos depois... Contar os detalhes da expedição de Benevento seria tanto mostrar sua grandeza quanto criticá-la. Apesar de elementos intrépidos e sábios, as aspirações do ambiente geral na época em questão formam, sem dúvida, o principal fator a favor ou contra a utilidade dessas revoltas.

Na vida de Malatesta, não há complicações metafísicas, nenhuma sutileza de pensamento; seu sentimento, sua ideia, sua vontade dão uma vida simples e direta, clara como a água. Ele também era amado como um irmão, por Kropotkin, entre outros, apesar das frequentes diferenças de opinião.

Paul Reclus

mento, ele teve que lidar com camaradas que levantaram com ele as eternas questões de um pouco mais ou um pouco menos de individualismo, organização, os prós e contras da autoridade e das ditaduras, sindicalismo e assim por diante. E em sua gentileza e paciência como propagandista, ele sempre se prestou a essas discussões ociosas, mil vezes resolvidas para qualquer homem de boa vontade, mas sempre abertas àqueles que acreditam apenas em soluções únicas e infalíveis criadas por eles mesmos. A essas mesquinhas somavam-se seus sofrimentos físicos e morais, sua doença crônica de brônquios dilatados, seu virtual internamento e isolamento em seus alojamentos, a visão da miséria moral de seu país, que ele havia visto, pelo menos em espírito livre, por tantos anos, e depois aquele afluxo de reclamações vulgares que sempre conseguia penetrar nele, enquanto as palavras livres que ainda eram ditas aqui e ali eram cuidadosamente interceptadas pela censura que vigiava cada gesto seu. Ele permaneceu sereno mesmo assim, até as últimas linhas que conheço dele, sua carta a Bertoni de 30 de junho de 1932, quando ele sabia que estava perdido. Mas ele deve ter sofrido muito, muito mesmo.

Lamento não ter sido capaz de analisar seu pensamento anarquista em suas sucessivas fases, como comecei a fazer nestas páginas. O assunto é muito vasto, e só consegui abordar os elementos que me parecem essenciais para tal estudo. Eu o farei - e já o fiz em parte - mas não posso improvisar nem resumi-lo neste momento. Sessenta anos da vida intelectual e ativa de um homem como Errico Malatesta não podem ser adequadamente concentrados em poucas páginas. Peço desculpas por incomodar aqueles que não gostam de papelada antiga, mas eu gosto de ter uma visão livre para a direita e para a esquerda, uma visão livre para frente e para trás, para o futuro e para o passado; e a vida de Malatesta é para mim um exemplo magnífico de um homem verdadeiramente completo. Todos nós o conhecemos muito pouco e o consideramos muito como alguém que sempre esteve presente e que sempre estaria presente. Ele também se foi e sentimos um grande vazio, a frieza do túmulo que nos cerca. Que os inimigos da história me deixem, de modo que Malatesta viva em minha memória e que eu tenha falado sobre ele por tanto tempo. Eu o conheci em outubro de 1889 e sua última carta para mim foi datada de 31 de maio de 1932.

M. Nettlau
15 de agosto de 1932

organizadores entraram em conflito mais uma vez, por aquele esforço complicado de reunir socialistas e anarquistas para libertar pelo menos os prisioneiros (20 de agosto), e por outras agitações, sem dúvida muito úteis em tempos calmos, mas que eu chamaria de ninharias diante de uma situação que ainda pode ser revolucionária, mas que vê o ataque da reação crescendo ao seu redor.

Quando a ocupação das fábricas de metal em Milão e no Piemonte (setembro) criou uma situação única até então, Malatesta e seus amigos, entre eles Ettore Molinari, que já havia publicado *Fattori economici del successo della rivoluzione sociale*, entenderam o significado desse evento, mas, como sempre, os socialistas traíram o movimento e, assim, abriram as portas para a reação fascista. Já em 17 de outubro, Malatesta foi preso; em vista da lentidão do julgamento, ele e seus companheiros de prisão fizeram greve de fome; em represália, ocorreu a explosão em frente ao teatro Diana (23 de março de 1921), que desde então foi vingada por sentenças ferozes contra os jovens autores desse ataque. No julgamento que finalmente ocorreu de 27 a 29 de julho de 1921, Malatesta e todos os seus companheiros foram absolvidos pelo júri. *Umanità nuova* foi reeditado em Roma em 14 de maio como diário; tornou-se semanal a partir do nº 183, de 12 de agosto de 1922. A colaboração de Malatesta nessa série foi menos frequente do que na primeira.

Le due Vie (Os dois caminhos), retirado do jornal em agosto de 1920 (15 p.), apresenta sua concepção de revolução social em um momento em que ela parecia estar realmente ao alcance, mas esse momento passou.

O fascismo imundo tomou conta de Roma em novembro de 1922, e a agitação social, atingida em todas as suas manifestações por uma ferocidade bestial sem nome, tornou-se gradualmente impossível. No entanto, Malatesta ainda conseguiu publicar os 57 números, muitos dos quais foram apreendidos, de sua excelente revista *Pensiero e Volontà*, de 1º de janeiro de 1921 a 10 de outubro de 1926, ou seja, até o momento em que todos os órgãos independentes foram suprimidos na Itália. Essa revista contém muitos de seus artigos mais bem recebidos e mais maduros, bem como algumas reminiscências pessoais sobre Bakunin, Fanelli e outros. Desde então, até este inverno, ele escreveu um grande número de artigos que podem ser encontrados nos jornais italianos de Genebra, dos Estados Unidos, etc., e que permanecem até o último momento em pé de igualdade com os da *Pensiero e Volontà*. Só que, em vez de incentivar esse homem modesto a reunir seus melhores escritos de sua própria escolha, ou a se concentrar em um esforço mais extenso e escrever um livro, o que ele nunca teve tempo para fazer (ou os meios para publicar), ou a escrever suas memórias, até o últi-

A obra de Errico Malatesta

Max Nettleau



Ruth Kinna e Clifford Harper (CC BY-NC-SA 3.0)

Nunca antes sessenta e um anos de intensa vida militante de um anarquista internacional e socialista revolucionário se desdobraram sob o olhar retrospectivo com tanta clareza no todo e riqueza de detalhes como na vida de Malatesta, que é apresentada, dos dezessete aos setenta e oito anos, para aqueles que não acham desnecessário conhecer o lado histórico e os desenvolvimentos passados, e proceder para o pensamento e a ação libertária como para qualquer outra ciência. Isso não significa que só saibamos viver no passado, nem que desejemos viver nele para sempre ou voltar a ele, mas significa acima de tudo que, conhecendo a idade e a história das várias concepções, temos uma ideia melhor de sua duração, variabilidade e outras qualidades relativas, e que não temos ilusões sobre a permanência, a certeza absoluta dos chamados sistemas sociais.

Nascido em 4 de dezembro de 1853, na pequena cidade que fica no local da antiga e opulenta Cápua (Campânia), Malatesta pôde testemunhar, no outono de 1860, as últimas batalhas de Garibaldi, que ocorreram exatamente entre essa cidade e a fortaleza da moderna Cápua, a alguma distância. Logo ele estava no Liceu de Nápoles; ele era um daqueles jovens italianos da época que tinham ao seu redor, e nas memórias dos mais velhos, aquela série de conspirações, insurreições, revoluções e guerras das quais o Estado fazia parte.

O sistema unitário italiano acabara de ser lançado - aceito pelos aproveitadores, pelos arrivistas, pelos resignados, mas considerado apenas como uma construção provisória, mal feita e a ser derrubada revolucionariamente por um grande número de homens e jovens de valor, generosos, intrépidos, determinados a novas lutas. Malatesta estava entre eles; ainda não conheço os primeiros estágios de seu desenvolvimento, nem a data da morte de seu pai (um liberal moderado) e de sua partida para Nápoles. No início de 1884, ele esboçou sua mentalidade do ano de 1868, em um escrito que foi traduzido no *Révolté* de 3 de fevereiro de 1884.

Ele era inspirado na ideia de república: ele via as iniquidades sociais ao seu redor e queria agir como um tribuno, como um rebelde; como um tiranicídio, ou pelo menos lutar em uma barricada. A república de seus desejos era o reino da igualdade, do amor, do bem-estar, e quando finalmente conseguiu entrar no mundo, passar do Liceu para a Faculdade de Medicina, ele se envolveu em todos os movimentos e, pela primeira vez, conheceu a prisão. Ao mesmo tempo, o estudo da história lhe ensinou que repúblicas e monarquias agiam com a mesma crueldade e ferocidade em relação às pessoas exploradas; ele concluiu que uma mudança econômica radical era necessária como ponto de partida para qualquer melhoria.

Menos conhecido é o fato - ele mesmo me escreveu no final de sua vida - de que

Esse movimento foi inevitavelmente traído pelos socialistas parlamentares e reformistas, que só sabem fazer isso. Esses eventos forçaram Malatesta a se refugiar novamente em Londres. Em Paris, ele até visitou James Guillaume, que não via desde 1880 e que acabara de liderar uma dura polêmica sindicalista contra ele, que Malatesta, em sua serenidade, aceitou com bom humor.

A guerra estourou. Malatesta continuou sendo o que sempre foi. Seguiu-se uma ruptura absoluta com Kropotkin após uma cena dolorosa que o primeiro relatou em um ensaio de dezembro de 1930. Artigos escritos entre 1914 e 1916 podem ser encontrados em *Volontà* de Ancona, *Réveil* de Genebra, *Freedom* de Londres, *Tierra y Libertad* de Barcelona, etc. Rudolf Rocker, internado em Londres, era visitado com frequência por ele; ele nos conta que, durante a Revolução Russa de 1917, Malatesta queria sair para ver os acontecimentos com seus próprios olhos, mas o governo inglês o proibiu de ir. Da mesma forma, em dezembro de 1919, as autoridades queriam impedi-lo de partir para a Itália, mas marinheiros italianos o levaram secretamente a bordo. Sua chegada a Gênova foi um triunfo; todo o trabalho foi suspenso para recebê-lo. Por alguns dias ou algumas semanas, ele pode ter tido o destino da Itália em suas mãos. Ele teve que se convencer de que uma revolução social, desencadeada naquele momento, tomaria um rumo autoritário demais nesse país, repleto de socialismo parlamentar,

bolchevismo e nacionalismo de educação patriótica e guerra; ele teria desejado primeiro preparar a mente das pessoas. O diário *Umanità nova* (Milão, 27 de fevereiro de 1920 a 24 de março de 1921, 262 edições) e numerosas reuniões serviriam a esse propósito. No programa do diário, que já havia circulado antes de sua partida para Londres, ele apoiou a ideia do equilíbrio das hipóteses econômicas pelas quais os anarquistas qualificam suas concepções e exigiu a liberdade de grupos, a liberdade de experimentação e a liberdade completa sem nenhum outro limite além da liberdade igual dos outros.

Ele não podia deixar de entender que todo o entusiasmo que encontrou em todos os lugares não poderia substituir a ação inteligente e ponderada, nem a ampla tolerância que ele mesmo experimentou e que o fanatismo, herança da autoridade e da religião, por tanto tempo tinha banido de nossas fileiras. Ele disse a Bertoni, que o visitou em abril de 1920, que não se sentia em casa nesse norte italiano e que gostaria de se estabelecer em seu sul napolitano, que ele conhecia muito bem e onde gostaria de preparar uma revolução agrária séria. Ele não conseguiu fazer isso, e sua energia de um homem de 66 anos era bastante dispersa pelo jornal, por reuniões, pelo Congresso da *Unione anarchica italiana* realizado em Bolonha (1-4 de julho de 1920), para o qual ele elaborou um programa publicado em forma de livreto, e durante o qual individualistas e

diversa e expressou sua discordância disparando um tiro contra ele). Acredito que os periódicos italianos em Londres, *Cause ed Effetti* (setembro de 1900, uma edição), *L'Internazionale* (12 de janeiro a 5 de maio de 1901, 4 edições), *La Rivoluzione* (4 de outubro de 1902, 9 n°) correspondem a seu ponto de vista. Ele também resumiu suas ideias em *Il nostro Programma*, publicado pela primeira vez em Paterson em 1903 (31 páginas, in-16°). Não é necessário lembrar seus famosos panfletos: *Between Peasants and Others* (*Entre Camponeses e Outros*), o primeiro dos quais foi publicado em setembro de 1884. Eles foram traduzidos para todos os idiomas e corrigidos e ampliados em diferentes ocasiões, de modo que as múltiplas versões apenas raramente apresentam um tipo verdadeiramente definitivo. Lembremos ainda os panfletos de 1890-1891 (Londres): *La politica parlamentare nel movimento socialista, In tempo di elezioni, L'Anarchia*, março de 1891, e *Un peu de théorie*, de *L'En-dehors*, edição de 21 de agosto de 1892; uma polêmica com Émile Henry, Bruxelas, 1899. Malatesta estava de volta com força total no *Congresso Anarquista Internacional* realizado em Amsterdã em 1907. Lá, ele teve uma conversa com os adeptos autossuficientes do sindicalismo, contra os quais defendeu a organização dos trabalhadores inspirada pela ideia e vontade libertárias e revolucionárias. Esse Congresso fundou uma nova Internacional que Malatesta saudou com grande esperança

e em cujo Conselho ele foi um dos mais ativos, como havia sido a alma do Conselho de 1881-1882. Mas, colocada entre os anti-organizadores e os sindicalistas puros, essa Internacional Anarquista teve apenas uma existência nominal, e a guerra impediu qualquer esforço para ressuscitá-la em um novo Congresso que deveria ter ocorrido em Londres. De Amsterdã, Malatesta foi para Antuérpia, onde os trabalhadores portuários estavam em violenta greve. Em seguida, ele participou de uma reunião antimilitarista realizada em Amsterdã, havia então jornais claramente anti-organização em Milão e Messina, e uma tendência ultra-organizadora e moderada, representada por algumas publicações em Roma. Isso pode explicar por que Malatesta continuou a viver em Londres. A Guerra Tripolitana, o prelúdio de outras guerras, mostrou o perigo de desenvolvimentos unilaterais e a força que o nacionalismo, continuado pelo atual fascismo, já havia adquirido. Essas condições finalmente trouxeram Malatesta de volta à Itália, onde, por meio de inúmeras conferências e do semanário *Volontà* (Ancona, de 8 de junho de 1913), ele reuniu as melhores forças revolucionárias mais uma vez. Ele também sabia como obter ascendência moral sobre a juventude republicana da região da Romagna por meio de sua inteligência e autoestima. O resultado de sua atividade foi o caráter grandioso da "Semana Vermelha" em junho de 1914 no distrito de Romagna, na região das Marcas e na província de Ancona.

Malatesta, tanto um teórico quanto um homem desejoso de ação, decidiu entrar para a organização secreta do partido mazziniano; ele não foi admitido, provavelmente porque uma investigação feita pelos membros internos o revelou como um elemento independente demais. Pouco depois, o 18 de março e a Comuna de Paris o fascinaram e, naquele momento, ele conheceu um jovem advogado, Carmelo Palladino, membro da Internacional em Nápoles e em contato direto com Bakunin, que era muito conhecido em Nápoles, onde viveu de 1865 a 1867. Mas a seção de Nápoles, muito importante em 1869, estava em decadência e dividida por intrigas marxianas. Assim, Malatesta percebeu que, também no socialismo, havia doenças internas: política e autoritarismo, e que era preciso combatê-las da mesma forma que se combate os inimigos externos. Ele se liberta da escravidão intelectual (religião), política (Estado), econômica (propriedade monopolizada), moral, etc. A partir de então, ele começou a lutar e encontrou o apoio de alguns amigos universitários.

Assim que ele se envolveu, na segunda metade de 1871, vimos a seção da Internacional em Nápoles ganhar força, e o governo a desmantelou em agosto; essa foi provavelmente a primeira perseguição que Malatesta sofreu como socialista. A Internacional ganhou então grande ascendência na Itália; Mazzini a atacou de forma ignóbil, assim como a Comuna de Paris; Marx e Engels se esforçavam para obter as seções com a ajuda de homens de

confiança. Cafiero era um deles e acreditava que Bakunin tinha de ser combatido a todo custo. Sabemos pelas cartas de Cafiero da Itália e de Lafargue da Espanha (publicadas por mim) como esses dois homens agiram sob a inspiração de Engels; o primeiro foi ingênuo e enganado, o segundo foi cúmplice; seu trabalho, apoiado por Utin e outros em outros países, preparou a subjugação das seções da Internacional ao socialismo político de Marx. Malatesta foi exatamente quem melhor abriu os olhos de Cafiero, que logo se tornou seu amigo para sempre. Cafiero foi completamente conquistado para a causa antiautoritária quando foi a Locarno na primavera de 1872 e leu a circular de Engels em maio do mesmo ano.

Enquanto isso, Malatesta estava reconstruindo a seção napolitana, sob o título *Federazione Operaia Napoletana*, por volta de dezembro de 1871; o programa trazia dez assinaturas, incluindo as de Malatesta e Cafiero, estudante. Escrito com certa cautela, ele combinava os Considerandos da Internacional (1864) e as ideias de Bakunin, então chamadas de anarquismo coletivista. Se não foi composto por Malatesta em sua totalidade, pode ser considerado o primeiro escrito que conhecemos dele. (Reproduzi-o em meu livro, em italiano, sobre Bakunin e a Internacional na Itália, Genebra 1928, XXXI ÷ 397 páginas - a edição especial de *Le Semeur* contém, sobre Malatesta, uma tradução francesa desse programa).



Por razões desconhecidas para nós, Malatesta não participou da Conferência de Rimini, onde a Federação Italiana foi constituída, mas foi nomeado para a Comissão de Estatística. Em setembro de 1872, ele foi um dos dez italianos que se reuniram em Zurique com Bakunin e os delegados da Federação Espanhola, para constituir a Aliança dos Socialistas Revolucionários, com base nos antigos vínculos secretos que datavam de 1864. Portanto, aqui estava ele, com menos de 19 anos de idade, no centro do movimento anarquista internacional, e particularmente próximo dos espanhóis, cujos periódicos ele vinha acompanhando há um ano.

Já em maio de 1871, ele assinou a *Solidarité* de Genève por meio de Palladino.

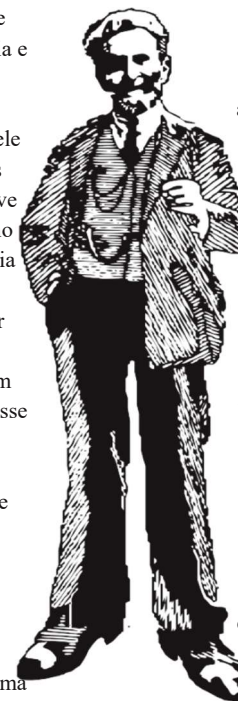
Ele participou, com Bakunin, os Jurassianos e outros antiautoritários, do Congresso Internacional realizado em Saint-Imier (Jura Bernês) em setembro de 1872, um congresso que, em protesto ao de Haia, formulou, com clareza clássica, as ideias da Internacional verdadeiramente independente e, portanto, necessariamente antiautoritária (consulte *A Internacional* de Guillaume, volume III).

Neste artigo, omito informações detalhadas sobre a vida e os escritos de Malatesta e me limito à evolução de suas ideias e suas tentativas de ação; essas informações podem ser encontradas no livro que publiquei (em alemão, 1922, 178 páginas; em espanhol, 1923, 233 páginas). Prisão, viagens, exílio em Londres se sucedem, mas sempre a propaganda por meio da escrita e da fala ocupa sua atividade.

Aos vinte anos de idade, portanto, ele aceitou como meta o coletivismo anarquista - a federação livre de associações agrícolas e industriais livres, cada uma das quais seria responsável por sua própria economia interna, de modo a garantir que todos recebessem o produto integral de seu trabalho, não para criar um novo assalariado, como a polêmica interpretou mais tarde, não para criar um aparato administrativo encarregado de medidas meticulosas; simplesmente, que o produto de seu trabalho fosse usado para o benefício de todos.

para coordenar novas forças, em seguida, foi para a Espanha (de novembro de 1891 a janeiro de 1892) para preparar uma greve geral e combater o Primeiro de Maio de 1892 (a revolta agrária e local em Jerez de la Frontera interrompeu esses planos e o enviou de volta à Inglaterra); ele estava atento às oportunidades que poderiam levar a uma greve geral política na Bélgica no ano 1893; ele estava pronto na Itália quando a revolta, iniciada na Sicília, esteve prestes a eclodir no inverno de 1893-94; mas todas essas tentativas foram em vão. Onde quer que ele colocasse a mão na massa, os anti-organizadores gritavam, alegavam ter sido violados e se orgulhavam como triunfantes quando derrotaram um novo projeto de Malatesta para coordenar os elementos anarquistas e revolucionários. Malatesta propôs novamente uma *Federazione Internazionale fra socialisti anarchici-revoluzionari* em fevereiro de 1895, e não creio que esse tenha sido seu último esforço desse tipo.

Não encontrando nenhum elemento real pronto para a ação coletiva, ele não deixou de estimular a ação sindicalista caracterizada -



veja seu trabalho com Fernand Pelloutier, A. Hamon, Cornelissen e camaradas espanhóis (só recentemente pude consultar documentos relacionados a esse movimento) - para organizar a oposição antiparlamentar e sindicalista aos marxistas no Congresso Socialista Internacional em Londres, em 1896, para fazer novamente uma ampla propaganda anarquista na Itália. Ele se estabeleceu em Ancona, primeiro secretamente, e publicou *L'Agitazione*, uma revista semanal (14 de março de 1897 a 17 de janeiro de 1898, dia em que foi preso). Condenado em abril, foi deportado para Ustica, depois para Lampedusa, mas durante uma tempestade escapou com quatro companheiros, e o encontramos em Londres em maio de 1899, de onde logo foi para os Estados Unidos.

Desse período data sua brochura clandestina: *Contro la Monarchia*. A partir de setembro, ele escreveu *La Questione sociale* desde Paterson, Nova Jersey, e viajou pelo país dando palestras em todos os círculos italianos (um companheiro de opinião

Assim como o comunismo de Kropotkin foi mal orientado por um lado, as concepções mais precisas de Malatesta foram mal orientadas por outro. E houve novamente esse fenômeno doentio, em que o amorfismo no campo da cooperação mútua se transformou naquele anti-organizacionismo absoluto que, a partir do Congresso de Londres de 1881, teve como primeira tarefa combater qualquer esforço de coordenação de Malatesta; de maneira análoga, o amorfismo econômico degenerou no culto ao egoísmo e anulou o esforço de Kropotkin no sentido da solidariedade.

Para os interessados nessas questões, eu me refiro aos debates do Congresso de Londres, expostos em meu livro sobre a Anarquia dos anos 1881-1886, na análise dos escritos de Kropotkin (1879-1882), de Malatesta (1883-1884) na Itália (*A Questão Social*, Florença), de Merlino e outros. Durante a ausência de Malatesta na América do Sul (1885-1889), Merlino apoiou uma concepção semelhante, embora mais restrita, e lutou violentamente contra o amorfismo, chegando em 1893 à crítica de Kropotkin; este último respondeu em dezembro daquele ano, mas a controvérsia foi interrompida pela prisão de Merlino em janeiro de 1894, e não foi retomada mais tarde, após a publicação de *A Revolta*. Na Espanha, o comunismo ultrajante foi repellido pelos anarquistas coletivistas.

Então, interpondo as teses opostas, a desenvolvida por Kropotkin e a do coletivismo, ele formou a concepção muito correta que proclama que não se pode e não se deve presumir as formas econômicas do futuro, nem presumir, nem prescrever, nem prever; que tudo nesse campo é apenas hipótese e que é aconselhável professar o anarquismo sem epíteto. Esse resultado foi alcançado por volta de 1890.

Na Argentina, Malatesta conheceu italianos e espanhóis, comunistas como ele, bem como coletivistas; ele retornou à Europa em 1889 e imediatamente mostrou grande atividade; ele expôs seus planos nos melhores documentos anarquistas da época, no *Apelo* de Nice (setembro de 1889, em italiano e espanhol), no programa de seu jornal *Associazione* de Nice e Londres (de 10 de outubro de 1889 a 23 de janeiro de 1890); ele tentou reconstituir a Internacional na forma de um partido social anarquista revolucionário internacional, um esforço que os anti-organizadores conseguiram frustrar, pois já haviam impossibilitado a Internacional que surgiria do Congresso de Londres em 1881. Da mesma forma, seu esforço para formar um partido de ação na Itália (Congresso de Capolago, em janeiro de 1891; movimento de 1º de maio de 1890, em Paris) tornou-se estéril. Na última data, ele estava pronto para lutar; então, de Paris, foi para a Itália, por onde viajou

Essa meta será alcançada pela revolução social, por uma insurreição popular em grande escala que pode eclodir a qualquer momento. Esse objetivo será alcançado pela revolução social, a insurreição popular franca que pode eclodir de um dia para o outro. O jovem Malatesta, no Jura, em 1872, estava se preparando, como me disseram vinte anos depois, para começar essa luta; seu ritmo favorito era o ataque frontal, com a baioneta. Já em agosto de 1928, no prefácio mencionado acima, ele repetia:

"Não se chega ao proprietário sem pisar no corpo do gendarme. Acreditava-se nos 'instintos igualitários e libertários' do povo e na expansão ilimitada das ideias em proporção à quantidade de trabalho de propaganda que poderia ser feito. No campo da crítica econômica, com a força de Bakunin e Cafiero, que estavam familiarizados com ela, o argumento de Marx sobre a mais-valia foi aceito, sem tirar nada mais dele e lutando contra sua reivindicação de ter uma mão na Internacional. A luta foi, portanto, dirigida diretamente contra o Estado, e todas as mudanças que haviam ocorrido na Itália em quase um século, bem como a grande revolta social que, vista à distância e em lenda, a Comuna de Paris parecia constituir, o orgulhoso progresso da Internacional na Espanha e o pensamento e a vontade de Bakunin e, finalmente, o impulso de tantos jovens internacionalistas na Itália, todos sugerindo que a luta revolucionária estava próxima, talvez iminente e que iniciativas

podem precipitá-la.

Quantos planos desse tipo morreram com Malatesta, que era modesto demais para falar sobre eles ou contá-los em suas memórias! Sabemos apenas que quando Bakunin quis ir à Espanha para um movimento revolucionário, Malatesta deveria acompanhá-lo; sua prisão durante os preparativos causou, entre outras coisas, o fracasso desse projeto. Aconteceu que ele não estava presente em Locarno quando a insurreição geral italiana de 1874 foi discutida, decidida e preparada. Mas, depois de ser libertado, ele foi a Locarno pouco tempo depois e aceitou as decisões tomadas. O Sul, de Nápoles à Sicília, foi confiado a ele, e ele fez o que pôde no local, sem ser responsável pelos erros e atrasos cometidos em outros lugares. No Sul, também houve contratempos, mas Malatesta manteve a campanha por vários dias na Puglia, em Castel del Monte, em agosto de 1874. Depois de uma longa prisão, ele foi triunfantemente absolvido pelo júri em agosto de 1875. Ele viu Bakunin uma última vez, fez sua primeira viagem à Espanha e retomou a intensa propaganda em Nápoles para a reconstrução da Internacional, que as prisões e o exílio haviam reduzido.

Durante a primavera de 1876, houve um estranho interlúdio: por duas vezes ele tentou ir para a Sérvia para lutar contra os turcos, mas em todas elas, foi preso na Áustria e voltou à Itália.

Um de seus motivos era obviamente a influência geral do meio-campo italiano, que era muito cauteloso com a Turquia, e havia, sem dúvida, uma rivalidade em termos de coragem bélica entre internacionalistas e garibaldinos... Ele foi poupado da familiaridade com as realidades da guerra.

Nós o encontramos em Nápoles, onde ele está trabalhando na ressurreição da Internacional no país, e é nesse momento que a concepção do anarquismo comunista nasce em conversas entre amigos, como já havia sido formulada no início do mesmo ano de 1876 por Du Martheray em Genebra, e também expressa em março em Lausanne por Élisée Reclus, que provavelmente estava pensando nessa ideia há muito tempo e que, embora não a tivesse professado publicamente, nunca havia concebido outra. Mais tarde, Malatesta se expressou da seguinte forma: *"Na Itália, havia alguns de nós (Cafiero, Covelli, Costa, o abaixo-assinado, talvez um ou dois outros que esqueci) que decidiram abandonar o coletivismo, que era então professado por toda a Internacional, e fizeram com que os delegados do Congresso de Florença (1876) e, portanto, toda a Federação Italiana da Internacional, aceitassem o comunismo.*

Kropotkin não se manifestou a favor do comunismo anarquista imediato apenas em março de 1880. Na Itália, essa questão foi bem debatida entre anarquistas e coletivistas autoritários (em Milão), mas, em geral, as perseguições e outros problemas

dos anos seguintes a 1876 impediram qualquer exploração adicional.

Temos algumas impressões de Malatesta no relatório do Congresso de Berna, em outubro do ano 1876: ele participou do evento, mas sua verdadeira atividade já estava nos preparativos para uma insurreição geral na Itália no ano seguinte. Se, em 1874, a ideia de Costa prevaleceu, aceita por Malatesta ao ser libertado da prisão, em 1876 o projeto foi discutido por Malatesta, Cafiero e outros, com Costa se abstendo de participar da ação decidida. Em 1874, eles haviam tentado obter a cooperação de partidos avançados; em 1876, queriam agir sozinhos e socialmente, apenas com o povo. O plano adotado, sem dúvida, remonta aos conceitos de prática revolucionária de Bakunin; o objetivo era criar um foco para a insurreição agrária em um distrito remoto e inacessível, para que a revolta pudesse durar até que a opinião pública se despertasse em muitas outras localidades, cidades e campos; movimentos preparados teriam então eclodido por toda parte. Como resultado da traição de um camponês, foi necessário precipitar o primeiro movimento local em condições desfavoráveis. Houve uma caminhada no maciço de Matese, província de Benevento, e todo o pequeno grupo foi preso em abril de 1877. A sentença é de agosto de 1878; o júri pronunciou uma absolvição geral.

A partir de então, a perseguição continua, as expulsões, as necessidades da vida o jogaram de país em país, mas a

propaganda na Itália sempre foi sua ocupação constante. Desde a primavera de 1881, depois do Egito, Síria, Marselha, Genebra, Romênia, Paris, Bruxelas, etc., nós o encontramos em Londres, onde ele tem uma residência um tanto estável. Malatesta conheceu Kropotkin brevemente em 1875, mas tornou-se amigo dele em Genebra no início do ano 1879, quando *o Le Révolté* foi fundado lá, e até a expulsão de Malatesta.

Pelos documentos que me foram deixados pelo Dr. Viñas, que morreu em 1931, e por outros documentos do próprio Malatesta, parece que Kropotkin, no verão de 1877, foi nomeado secretário correspondente do Grupo Íntimo Internacional, que deu continuidade à Irmandade Internacional de Bakunin (1864) e à Aliança de Zurique (1872); Malatesta e Cafiero, que haviam sido libertados da prisão em agosto de 1878, há muito tempo pertenciam a esse grupo. Quando os outros desapareceram por vários motivos, Malatesta e Kropotkin permaneceram como os últimos militantes desse grupo, pois James Guillaume, que nominalmente ainda se considerava membro dele, estava tão distante deles em termos de concepção e prática que não procurou mais cooperar seriamente com eles quando retomou suas atividades por volta de 1901. Mas, apesar da cordialidade de suas relações até o outono de 1914 e da amizade genuína que os ligou, não houve cooperação contínua possível entre Malatesta e Kropotkin. Para entender exatamente quais eram suas diferenças, é necessário reler o artigo que Malatesta escreveu

em dezembro de 1930 para uma revista russa publicada nos Estados Unidos, sobre minha proposta de celebrar o décimo aniversário da morte de Kropotkin, cujo texto original em francês foi publicado um pouco mais tarde pelo *Réveil* de Genebra e, a partir daí, reimpresso ou traduzido em vários órgãos anarquistas. Também seria necessário consultar duas longas cartas que eles escreveram um ao outro por volta de 1881, durante o Congresso de Londres, cartas que circularam no círculo íntimo de que estou falando aqui e que mostram a incompatibilidade de suas concepções. Mas a solidariedade, a amizade e o desejo de cada um deles de não diminuir a força do outro por meio da dissidência pública impediram uma discussão franca, que não foi, no geral, vantajosa para a evolução progressiva da ideia anarquista. No entanto, quando olhamos atentamente para todos os seus escritos desde os anos 80, vemos essa diferença muito claramente, pois eles não fizeram nenhuma concessão mútua, e cada um deles sempre permaneceu cético em relação às ideias parciais do outro. Foi nessas condições que se desenvolveu à esquerda de Kropotkin um anarquismo ultrajante que foi chamado de "amorfismo", e à direita de Malatesta um anarquismo que exagerava o princípio de organização. Nenhum deles foi responsável por isso, mas como não houve discussão direta, não foi possível livrar as ideias dessas excrescências de direita e esquerda.